

Parte III
Livro Juventude e Segurança
As pesquisas dos Jovens



“Conflitos guardados: as violências ‘ausentes’ na relação professor-aluno”



*Bruna Lúcia da Conceição Alves
Maria Fernandes de Melo*

A violência na escola é algo que tem se tornando cada vez mais freqüente. O conceito de violência possui muitos significados, podendo ser física, verbal, psíquica, traduzida em forma de ameaça ou intimidação. A amplitude e complexidade desse tema nos levam a constatação que as diferentes expressões de violência ocorrem com bastante freqüência no ambiente escolar. Assim, esse projeto de pesquisa nasceu de nossas próprias experiências diárias ao vivenciar a violência no ambiente escolar. A falta de uma relação positiva com a alteridade, conseqüente da violência, é prejudicial à constituição de boas relações no ambiente escolar.

Como estratégia de coleta de dados foram realizadas entrevistas direcionadas aos alunos e aos professores. Os resultados dessas entrevistas foram analisados tematicamente e, a partir de uma interpretação dos discursos, conseguimos identificar como os alunos vêem os professores e, como esses percebem seus alunos no que diz respeito à prática da violência escolar.

A maioria dos entrevistados relatou que a violência está baseada em atitudes agressivas e desnecessárias, e que isso tudo acaba prejudicando o desempenho dos alunos na escola e na sala de aula. A análise das entrevistas levou-nos a considerar que a maioria das brigas no ambiente escolar são desnecessárias. Surpreendemo-nos quando vimos (subjetivamente) que os professores julgam os alunos como os principais causadores da violência, mas tanto por parte do professor quanto por parte do aluno julgam que essas brigas permanentes não são boas para o desenvolvimento da educação escolar. O processo de pesquisa levou-nos a refletir sobre as mudanças necessárias para transformar o ambiente escolar. Diálogo e mudança: só assim seria possível a construção de um ambiente escolar saudável para todos.

“O silêncio permanece: da violência doméstica à sonegação da informação”



*Angélica Lima Viana
Micaely Carolina Carvalho de Souza
Iná Domingues Freire
Aline Katrine*

A violência doméstica é um problema que atinge milhares de pessoas, em grande número de vezes, de forma silenciosa e dissimulada. Trata-se de um problema que acomete ambos os sexos e não costuma obedecer nenhum nível social, religioso ou cultural específico, mas geralmente, são do sexo feminino as maiores vítimas de exposição à violência doméstica. As razões dessa exposição podem estar ligadas ao machismo, impregnado em nossa cultura há décadas, ou até mesmo séculos.

Característica comum de grande parte dos casos é o silenciamento das vítimas. Medo, vergonha, “amor” e dependência financeira podem ser apontados como causas possíveis de tal evento. É sintomática a existência recente dos mecanismos de denúncia da violência doméstica, tais como, as delegacias especializadas, as casas de referência da mulher, telefones específicos para denúncias (como o 180) etc. Entretanto, apesar dos esforços recentes, esse problema está longe de ser resolvido. O silêncio permanece. E foi por meio desse questionamento, que buscamos os argumentos para a nossa pesquisa.

Nossa intenção era estudar os perfis das vítimas de violência doméstica no município de Osasco, a partir de entrevistas aos atendentes da instituição responsável por esses casos: a Delegacia de Defesa da Mulher de Osasco. Entretanto, o questionário elaborado e as etapas de nosso projeto não foram implementadas devido a diferentes problemas para realizar a coleta de dados. A dificuldade de coletar informações e dar continuidade à pesquisa revelou, por outro lado, uma nova face aos questionamentos iniciais dessa pesquisa. Analisamos que o silêncio não estava apenas nas vítimas que sofrem violência

doméstica, mas também o poder público dificulta o acesso da sociedade aos dados. Depois de questionarmos, chegamos à conclusão que os silêncios deverão ser rompidos, para que um dia possamos de fato viver num mundo justo, saudável e solidário.

“Torcidas uniformizadas paulistas: comunidades imaginadas?”



*Bruno Lourenço Alves
Andrey Conceição Apóstolo
Renan Pereira Rocha Coqueiro
Jean Claudio Ramos dos Santos Cunha
Carlos Henrique Oliveira da Silva
Mayke Wesley da Silva*

A “paixão nacional” mobiliza milhares de pessoas praticamente em todo o país, torcendo, vibrando, chorando e sorrindo por seus times. São criados símbolos, hinos, cantos, “gritos de guerra”, quase todos desvinculados dos próprios clubes, resultante da criatividade própria dos torcedores. Estes, quando unidos, formam as “torcidas organizadas”.

No estado de São Paulo os clubes de futebol existem desde o início do século XX, porém essas torcidas organizadas se formaram apenas na segunda metade desse mesmo século. Os quatro maiores times desse estado são: Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras e Santos Futebol Clube. Suas torcidas surgem de um mesmo contexto, a ditadura militar (1964-1984), embora a fundação de cada uma delas tenha ocorrido em décadas diferentes.

Nessa investigação buscamos descrever como se desenvolveu a agremiação de uma série de pessoas unidas por uma causa, um time, configurando-se quase que numa família, movida por uma identidade, uma “comunidade imaginada” (ANDERSON 1986).

O objeto de pesquisa foram os símbolos das quatro maiores torcidas do estado de São Paulo. A partir da análise dessas imagens, procuramos comparar tais dados com as músicas cantadas por elas nos estádios.

As torcidas organizadas podem ser vistas, dentro de certos limites, como comunidades imaginadas. Elas fazem parte da construção da identidade dos torcedores, que se vêem “diferentes” dos demais, fazendo com que eles se envolvam nas atividades promovidas pelas organizações, desde ir aos estádios, desfiles de escolas de samba, até mesmo participando do debate político. A força de paixão ao time serve, em muitos casos, como elemento mobilizador de questões que estão acima do futebol, mesmo que sua agremiação e coesão se dê por causa dele.

Bibliografia

- ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.

“Segredos ocultos da profissão: um estudo comparativo entre o CCZ e uma clínica veterinária no Jd. Bonança-Osasco-SP”



Esther Sant'ana de Lira

Em muitos lares existem animais de estimação. Em praticamente todas as épocas em que houve sociedade organizada houve domesticação de animais, já que nossa própria organização derivou dessa atividade desde o período conhecido como Pré-História e, atualmente, isso não é diferente. Sua função, além de zelar pela saúde dos animais, também o faz pela saúde humana, quando atuam nos Centros de Controle de Zoonoses (CCZ).

No Município de Osasco, o CCZ é uma divisão do Departamento de Saúde Pública da Secretaria de Saúde, sendo responsável pelo controle das doenças transmitidas pelos animais ao homem e vice-versa. Trabalham no controle das

populações de animais domésticos, sinantrópicos e outros vetores. A pesquisa situou-se em duas ocupações específicas desses profissionais: o veterinário clínico e o veterinário que atua no CCZ e visou compreender, por meio de entrevistas, o processo de profissionalização da Medicina Veterinária.

Os resultados indicaram que as pessoas entrevistadas tiveram formação universitária realizada fora da região da Grande São Paulo e obtiveram o título de bacharel no mesmo ano (2007). Também foram unânimes em assumir a necessidade de se manterem atualizadas, freqüentando cursos e seminários de sua área de atuação. Relataram também que a própria profissão exige constante atualização, e que o aprendizado prático complementa a formação universitária.

O “amor aos animais” foi o motivo da escolha profissional, ao mesmo tempo em que depois da formação acadêmica, passou a ser objeto da crítica o olhar que as pessoas têm sobre a sua profissão, e conseqüentemente, ao valor atribuído ao seu trabalho.

Essa investigação partiu do interesse pessoal da pesquisadora, no entanto, suplantou as motivações individuais iniciais ao longo de todas as reflexões realizadas, passando então ao interesse coletivo, demonstrando que fomentar a curiosidade, promover descobertas e apoiar atitudes investigativas contagiou e mobilizou a turma.

“Relacionamento entre meninos e meninas”



*Alef Souza
Daiane Alves
Jéssica Rodrigues
Josicléia Ramos
Maicon de Andrade
Marizene Viana
Natã de Carvalho
Niedje Gardênia
Rosana Maria dos Santos
Tamara Mateus*

Nas mais antigas lendas do ocidente e por que não dizer nos filmes modernos, o amor feliz não tem história. De acordo com Denis Rougemont “só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado, do que a paixão de amar”.

O material bibliográfico estudado suscitou o seguinte questionamento: será que a nossa própria cultura não estimula o desencontro entre meninos e meninas muito mais que o encontro? Não valoriza as expectativas desencontradas entre meninos e meninas mais associadas à paixão do que à solidariedade e tolerância? Foram essas questões que motivaram o grupo a planejarem uma pesquisa com jovens a respeito do relacionamento entre meninos e meninas.

Valores como solidariedade e tolerância apareceram como questões importantes a serem cultivadas nos relacionamentos, embora estejam mais associados às meninas do que aos meninos. Algumas meninas relataram que esses valores não estão presentes numa relação, indicando que a maioria delas tem uma visão mais negativa que os meninos no tocante aos relacionamentos. A resposta negativa das meninas pode revelar também que elas não se percebem como responsáveis para que estes valores, os quais disseram desejar, prevaleçam nas relações, adotando uma atitude de responsabilização do outro para se sentirem bem num relacionamento. Em outras palavras, colocam a “culpa” nos meninos por uma situação negativa, como se não tivessem possibilidade alguma de negociação no relacionamento, numa postura não autônoma.

As respostas geraram diversas e profundas reflexões, numa tentativa de sintetizar o que leram em textos, livros e temas trabalhados ao longo do curso. Ao final do percurso trilhado nessa pesquisa, como conclusão, os jovens indagaram a própria conclusão a que chegaram: será a satisfação algo também tão fundamental? Não é quando estamos insatisfeitos querendo sempre algo a mais que nos superamos, podendo conquistar coisas novas ao lado do parceiro?

Bibliografia:

- ROUGEMONT D. *História do Amor no Ocidente*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003.

“Percepções sobre a violência na comunidade do Jardim Bonança – Osasco/SP”



*Denise Maria de Sousa Silva
Janaína da Silva Santos
Jéssica dos Santos Conceição
Leonardo de Moura Santos
Lucas Santos
Paulina Nayane Bezerra Frias*

A pesquisa foi realizada com 28 jovens entre 13 e 18 anos da comunidade do Jardim Bonança, Osasco, dois policiais, um do sexo masculino e outro feminino e com pessoas da comunidade que lá vivem. A revisão da literatura demonstrou que na cidade de Osasco, de acordo com arquivos da polícia civil, o índice de violência está crescendo junto com a cidade, e segundo as estatísticas, os jovens entre 18 e 35 anos são os que mais cometem delitos. O jovem, então, é vítima da violência e, também, o agressor.

A maioria dos jovens disse que a violência nasce dentro de casa - os entrevistados acreditam que o contexto familiar é o principal responsável pela agressividade e violência dos jovens - ou na escola. Isso pareceu importante, uma vez que família e escola deveriam ser os lugares de acolhida e formação do jovem e têm sido ambientes geradores de agressão. Por outro lado, um número relevante, cerca de um terço dos entrevistados, afirmou nunca ter sofrido violência, o que pode ter sido resultado de uma associação apenas à violência física.

As entrevistas com os policiais evidenciaram que a polícia utiliza-se da noção de *risco da violência* para justificar suas atitudes e formas de abordar os indivíduos. De acordo com o policial, ele deve tratar de modo diferente o “cidadão de bem” e o “sujeito perigoso”, para a “defesa da própria segurança das pessoas”. No entanto, cabe problematizar o que determina a periculosidade desse sujeito. Segundo um relato: “...a atitude dele, o medo diante da chegada da polícia” seriam indicadores dessa periculosidade. O problema é que, por tratar-se de um julgamento subjetivo, pode expressar preconceitos e crenças presentes no imaginário desse profissional.

As entrevistas com os policiais foi uma experiência nova e significativa para os jovens pesquisadores. Os entrevistados foram extremamente disponíveis, reservando e preparando uma sala e, após uma apresentação da corporação em vídeo, responderam às questões. De acordo com o policial, a polícia “está tentando uma aproximação mais amigável com a população”, instalando programas de prevenção contra as drogas por meio de conferências com membros da comunidade, procurando ampliar os espaços de diálogo e cooperação.

As respostas contraditórias se aproximam da realidade da comunidade, extremamente complexa, e dos conteúdos e temas trabalhados no curso, que buscou estimular a reflexão e a crítica sobre si mesmo, o outro e o mundo, considerando as múltiplas possibilidades que esse olhar representa.

Bibliografia

- ALMEIDA GA e PINHEIRO PS. Violência Urbana. São Paulo, Publifolha, 2003.

“O atendimento médico de jovens”



Flávia Rosa Santos Rodrigues

Questões ligadas à saúde, ao corpo e a sexualidade mobilizaram o grupo desde o início do curso. A recusa do posto de saúde da região do Jardim Bonança de atendê-los sem a presença de um responsável os afasta da instituição, que muitas vezes representa o único apoio na busca por informação e atendimento.

Foram elaborados roteiros de entrevistas para serem coletados os dados com os funcionários do Posto de Saúde e com pacientes. Quando saímos a campo nos deparamos com duas realidades distintas: um posto de saúde que tem estratégias para atingir os jovens e os recebe em consultas e exames sem a necessidade de um

responsável e outro que se nega categoricamente em atender jovens desacompanhados, justificando, entre outros motivos, que temem a descontinuidade ao tratamento. O que esta postura não leva em consideração é que o próprio jovem é responsável pelo cuidado consigo e que nem sempre pode contar com outra pessoa para acompanhá-lo.

Antes da realização da pesquisa acreditávamos que para o jovem aprender a ter mais responsabilidade era preciso dar um passo a mais em sua vida, como enfrentar um atendimento médico sozinho. Como resultado da pesquisa emergiu a seguinte questão: “Como aprender a ter responsabilidade se não temos liberdade para decidir se vamos desacompanhados ao médico, se não podemos fazer valer nossa vontade?”.

“Retrato da juventude”



*Damaris Rodrigues de Souza Luiz
Jéssica Sabrina Santos do Monte
Felipe Custodio de Almeida
Paloma Rodrigues da Silva
Paulo Henrique Rodrigues da Silva
Samara Marley de Oliveira Rodrigues*

O objetivo deste grupo foi a construção de um retrato sobre o imaginário de jovens e adultos sobre a juventude e suas potencialidades. O interesse por este tema se originou da discussão de duas visões antagônicas em relação à juventude. Uma que considera os jovens como os principais atores das transformações sociais, pela criatividade e rebeldia constantemente associadas a esta faixa etária e outra, mais conservadora, que considera a juventude como o estado do risco, da vulnerabilidade e do vir a ser. O objetivo da pesquisa foi inserir estes questionamentos no território, construindo um cenário de como eles se enxergam e como os adultos os vêem.

Como estratégia para coletar os dados foi elaborado um questionário de múltipla escolha aplicado em jovens e adultos moradores da região do Jardim Bonança. Foram

entrevistados sessenta adultos (N = 60) e quarenta e três jovens (N = 43). Os resultados demonstraram que em muitos aspectos jovens e adultos apresentam pensamentos semelhantes, como o desejo de mudar o mundo. A maioria dos jovens se considera capaz de uma ação transformadora e que, se pudessem, acabariam com a pobreza, a miséria e a fome, em segundo lugar acabariam com a violência, em terceiro lugar transformariam a política no Brasil e acabariam com a desigualdade social, em último lugar mudariam os relacionamentos humanos. Por outro lado, constatamos uma pequena diferença entre os adultos e os jovens em relação ao que consideram um problema ou algo ruim a ser enfrentado na juventude. A maioria dos jovens se referiu às “drogas”, ao passo que os adultos consideraram “as más companhias” uma questão importante. Ambas as respostas dizem respeito ao risco de serem influenciados por colegas ou atraídos para as drogas e os limites que a dependência química representa ao pleno desenvolvimento das potencialidades dos jovens.

Bibliografia:

ABRAMO H. e BRANCO PPM (org.). Retratos da juventude: análises de uma pesquisa nacional. Fundação Perseu Abramo, 2005.

“Preconceito”



*Kaira Rosa Santos
Jennifer Tamires Felix de Andrade
Joniel João dos Santos*

Esse grupo se formou a partir das rodas de conversa que acompanhavam as pesquisas dos grupos Saúde e Juventude. Ambas colocavam em evidência o primeiro preconceito partilhado por todos eles: serem jovens e serem da periferia. Ser jovem no imaginário dos adultos, muitas vezes significa ser incompleto e incapaz. Discutir o preconceito e as diversas formas como se manifesta em nossa vida é uma forma de

combater a discriminação e isto, ao que tudo indica, faz parte do projeto de felicidade, aquilo que nos faz “vencer na vida”. As experiências vividas pelos jovens de cunho preconceituoso foi o principal mobilizador desse grupo, que utilizou como instrumento de pesquisa imagens e fotografias retiradas da *internet* e planejaram uma exposição para dar visibilidade a esta questão.

A pesquisa bibliográfica possibilitou a ampliação do repertório e aprofundamento dos conceitos e representações sociais sobre o tema, verificando a diversidade dos significados de preconceito. Os resultados da pesquisa e a luta contra toda forma de preconceito estão expressas em frases, fotos e pesquisas postadas em *blogs* por alunos, famílias, educadores e pessoas que passam por situações preconceituosas em seu dia-a-dia. O desenvolvimento desta pesquisa mostrou que o preconceito está presente na sociedade e se manifesta de maneiras distintas, atingindo pessoas de diversas classes sociais e que as vítimas podem superar a experiência traumática e imaginar uma convivência social com mais tolerância e solidariedade.

“A prática esportiva das mulheres”



*Adaildo de Sousa Silva
Anderson dos Santos
Yemerson de Sousa Apolinario*

Este projeto de pesquisa surgiu do desejo de abordar um tema de interesse do grupo, o esporte, a partir da percepção de que os espaços públicos do território em questão, destinados à prática esportiva, raramente são frequentados por mulheres ou famílias. A hipótese inicial era que as mulheres praticam menos esportes devido à falta de espaço no bairro e ao fato de não serem bem recebidas porque os homens ocupam os poucos lugares disponíveis com a prática do futebol.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa a hipótese inicial foi refutada, para surpresa do grupo. Foi elaborado um questionário aplicado aos moradores do Jardim Bonança, mulheres jovens e adultas entre 13 e 59 anos que continha questões a respeito da prática de esportes. Os resultados evidenciaram que a principal razão atribuída pela maioria das mulheres para a não prática esportiva foi de cunho bem diverso, sobretudo relacionado à falta de tempo, reflexo das inúmeras responsabilidades assumidas pelas mulheres na esfera familiar e profissional.

Destaca-se que refutar a hipótese de pesquisa permitiu um grande crescimento de todos da turma, possibilitando a reflexão sobre o papel e necessidade da pesquisa social. O debate possibilitou a reflexão sobre como olhar atento, curioso e investigativo pode dar espaço a aspectos que passavam despercebidos, dos quais se tinha um conhecimento superficial ou equivocado.

“Meio Ambiente”



*Janaína da Silva Lopes
Jéssica Santos Marques
Leiliane Santos Marques
Mariane dos Santos Silva*

O principal questionamento presente neste projeto de pesquisa foi se as pessoas, mais especificamente os jovens da turma, estão mudando seus comportamentos para contribuir para a redução da degradação ambiental. Uma situação bastante presente no cotidiano dos jovens é a questão das enchentes e os impactos que o lixo acumulado na região gera ao meio ambiente.

Os sujeitos pesquisados foram os jovens da turma 3 e foi elaborado um questionário com perguntas sobre as práticas de cuidado com os recursos ambientais. Os resultados demonstraram que embora o grupo estivesse familiarizado com as principais questões ambientais da atualidade, como mudanças climáticas, desmatamento,

impermeabilização das cidades, crescimento urbano desordenado e redução da biodiversidade, pouca coisa está de fato sendo colocada em prática. Após este primeiro resultado o grupo iniciou uma busca por possíveis soluções para as práticas cotidianas de cuidado com o meio ambiente. Para a questão do lixo não foi encontrada nenhuma coleta seletiva na região, o lixo doméstico é retirado por caminhões da prefeitura três vezes por semana, o que evidencia a necessidade de uma política pública específica e participação dos cidadãos. Uma possibilidade seria o estabelecimento de parcerias com cooperativas de reciclagem ou pessoas que recolham os materiais que podem ser reciclados nos domicílios e encaminhar para locais apropriados. O grupo concluiu que a pesquisa demonstrou que todos os jovens se importam com o meio ambiente, mas quando são questionados sobre “o que você faz para preservá-lo” há pouca coisa a dizer, sugerindo que se esperamos um mundo mais sustentável devemos começar a agir imediatamente.

“Um Olhar Mendigo - Exposição artística visual”



Rafael Pereira de Sousa

A existência cada vez mais visível de pessoas que fazem das ruas seu habitat natural causou grande estranhamento e incômodo no pesquisador. Assim, iniciou um processo de pesquisa que pudesse aplacar sua curiosidade por saber os motivos que levaram algumas pessoas a viverem nas ruas, como nômades ou andarilhos. Observar com atenção essa situação gerou uma vontade poética de mudar cenário urbano, tirando das ruas o que poderia ser entendido como poluição visual - que não se encontra em cartazes de publicidade -, mas que é, na verdade, a miséria humana.

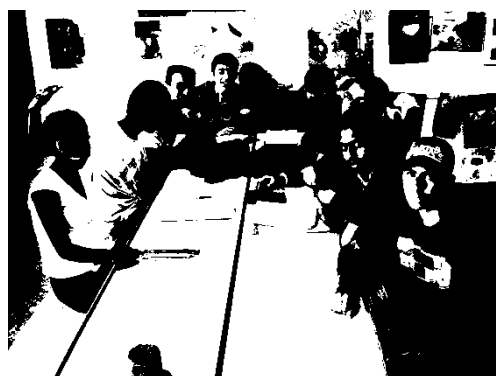
Algumas perguntas emergiram desta realidade: Por que existem moradores de rua? Quais motivos os levaram a morar na rua? Por que são banidos de seus direitos humanos? Por que a sociedade os rejeita ao invés de aceitá-los e buscar soluções para

uma mudança social? Por que a mídia só retrata a beleza urbana, esquecendo das situações-problemas dos povos menos favorecidos?

O trabalho apresenta um olhar aos mendigos e andarilhos. Um olhar que se quer transformar em ferramenta com a função de buscar valores que, ao longo da civilização e urbanização, foram se perdendo: a solidariedade e a responsabilidade social com o próximo e consigo mesmo. Ao reconstruir outros sentidos e significados para este tema, o pesquisador desejou desconstruir o pensamento individualista, a indiferença e omissão.

A estratégia utilizada para coleta de dados foi o registro fotográfico da vida dos moradores de rua. O campo da pesquisa foi o Largo de Osasco e outros lugares onde habitam vários tipos de mendigos. Foram utilizados também vídeos, fotos, reportagens e entrevistas. Para expor a pesquisa foi idealizada uma exposição artística visual, com imagens fotográficas, desenhos e pinturas. A exposição é uma forma de mostrar concretamente a situação trabalhada, as dificuldades e necessidades de determinado grupo de pessoas que aparentemente estão banidas da sociedade.

“A contribuição do Japão para o Brasil”



Lucas Carvalho

O jovem pesquisador, conhecido pelo gosto peculiar sobre alguns animes e também por ter uma afinidade com esse estilo característico de desenhar, optou por pesquisar sobre a influência da cultura japonesa, com o objetivo de abordar alguns aspectos e costumes que são fonte de inspiração para a juventude brasileira, como lendas, desenhos e vestimenta.

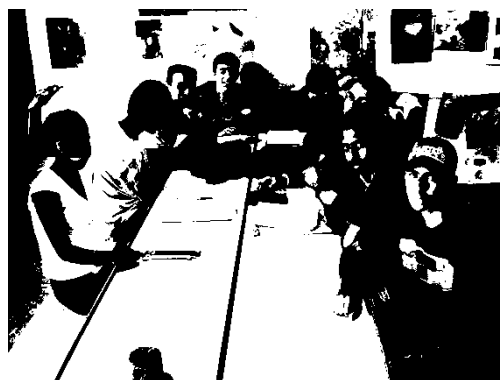
A cultura brasileira adquiriu várias influências de outros países. Assim, acabou-se criando um mundo dentro de um só país. A pesquisa desenvolvida revela a influência de uma dessas culturas: a japonesa, que apesar do pouco tempo de imigração de seu

povo para nosso país, trouxe elementos marcantes como o mangá, cosplay, anime, origami e algumas de suas lendas tradicionais.

Neste mergulho, algumas questões emergiram: O Brasil teve ou tem alguma restrição à cultura japonesa ao longo dos anos? Com a imigração dos japoneses houve alguma influência no país?

Uma breve revisão da bibliografia sobre o tema possibilitou ao pesquisador conhecer que houve vários tipos de preconceitos na chegada dos japoneses ao Brasil, principalmente sobre os costumes e características físicas da etnia que possuíam. Tais restrições fizeram com que boa parte dos imigrantes voltasse para seu país de origem. Mesmo assim, o Brasil é considerado um dos países com maior número de imigrantes japoneses do mundo.

“Sonhar”



Ricardo Rocha da Silva

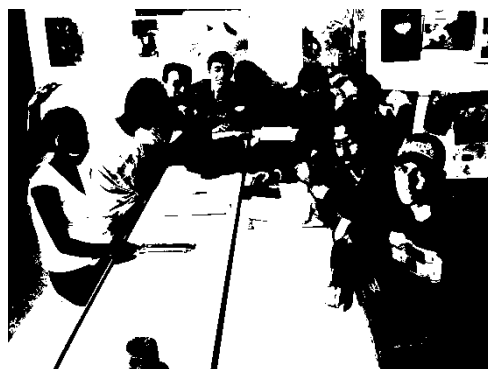
“Uma breve visão sobre os desejos dos alunos do curso. Algo extraordinário está acontecendo na vida de cada um deles e é exatamente isso que cada um deseja descobrir”.

Assim o jovem pesquisador - e sonhador - faz um convite para assistir ao documentário inspirado pelo projeto final do curso de pesquisador social. Baseado em depoimentos dos alunos do curso, o filme apresenta o ato de sonhar como parte dos desejos conscientes da sociedade e propõe-se a motivar os espectadores a saberem a importância de um sonho na vida.

Aprendi a olhar cada um de maneira diferente, que é preciso conhecer aquela pessoa antes de pronunciar qualquer coisa. Cada um que entrevistei tem um sonho, e por mais difícil que seja esse sonho, em nenhum momento pensaram em desistir. Senti algo especial em cada entrevista. Mais que isso, aprendi a olhar o próximo como a mim mesmo, sem temer a reação, apenas tentando entender, por mais difícil que pareça. O

melhor de tudo isso foi descobrir que mesmo aqueles que pensam de forma simples, abraçam um sonho complexo. E tudo isso me dá vontade de continuar sonhando. Descobri ainda com esse projeto, que estar no meio das artes é o que eu realmente quero para minha vida. Por tudo isso, vou levar comigo essa experiência extraordinária, à qual um dia no futuro lembrarei com clareza, se conseguir alcançar meus sonhos ou ainda estiver persistindo em nunca parar.

“As Contribuições e Diferenças do Folclore Japonês e do Nordeste do Brasil”



Gilmara Ana Brito Santos

Este trabalho focou as contribuições e diferenças do folclore de duas culturas distintas: do Japão e do nordeste do Brasil. Ao mesmo tempo em que elas parecem tão diferentes, existem pontos em comum, como na religião, música, lendas e gastronomia. Nesta pesquisa destacam-se as semelhanças das lendas e mitos dessas culturas.

Como objetivo de mostrar a importância das contribuições do folclore japonês e nordestino, além de apontar suas diferenças e pontos em comum, a pesquisadora seguiu com algumas dúvidas disparadoras: Para que eles servem? Que função eles têm? Como são vistos pela sociedade e como a influenciam?

Nesse sentido a pesquisa pôde considerar que, apesar do folclore japonês e nordestino se originar de culturas diferentes, a forma pela qual são apresentados e representados é basicamente a mesma. O modo com que as lendas, músicas, histórias são compreendidas também são muito similares. As histórias narradas pela sociedade são contadas de gerações em gerações, como tradição para a família e para a região. Esses mitos e lendas influenciam na disciplina e educação, principalmente das crianças, e variam de região em região porque mantém os costumes próprios de cada local. Enfim, são duas culturas diferentes, mas com o objetivo em comum de expandir os seus costumes, conhecimentos e tradições para a sociedade.

“O que é ser um torcedor organizado da Gaviões da Fiel e da Torcida Independente?”



*Érika Barbosa da Silva
Nicolle da Conceição Alves Martins
Rafhael Rodrigo dos Santos Silva*

Os motivos que mobilizaram este grupo de pesquisadores estão relacionados às situações em que encontraram com torcidas do próprio time, vivências descritas como momento de grande deslumbramento e êxtase. Tal afetação foi o que motivou o grupo a discutir torcidas organizadas.

Com o objetivo de conhecer o que é um torcedor organizado, priorizaram duas torcidas de seus times preferidos: Gaviões da Fiel do Corinthians e Torcida Independente do São Paulo. Para responder a essa questão pesquisaram a história das torcidas organizadas e também entrevistaram um membro de cada uma delas, preocupados em conhecer a importância que atribuíam a participar dessas torcidas.

As entrevistas mostraram que as duas torcidas têm em comum a paixão pelo futebol e pelo time. Outra semelhança citada é a discriminação por que dizem passar: “no Brasil a torcida organizada é visto como criminoso”.

Alguns aspectos negativos que as entrevistas mostraram dizem respeito a posições preconceituosas (contra homossexuais e mulheres, por exemplo) e outras que favorecem o aparecimento da violência.

Puderam concluir que torcida organizada é um tema polêmico e marginalizado, associado à violência nos estádios de futebol. Mesmo assim, algumas pessoas querem entrar em uma torcida organizada porque querem apoiar seu time mesmo sabendo dos riscos, o que é entendido como fidelidade ao time.

“Encontrando o Futuro”



*Anderson Matias Camilo da Silva
Ewellyn Conceição Oliveira
Mayara de Santana Evangelista
Samara da Mata*

A presente pesquisa é focada principalmente em saber quais métodos os trabalhadores da Rua Theda Figueiredo Rega, utilizam para escolher uma profissão e comparamos as entrevistas concedidas por eles com nossa hipótese inicial de que, para fazer uma escolha profissional as pessoas poderiam utilizar um método de comparar o que sabem com o que gostam de fazer.

Inicialmente tínhamos como hipótese que para fazer uma escolha profissional as pessoas poderiam utilizar um método de comparar o que sabem com o que gostam de fazer. Mas nem sempre o que gostamos e o que sabemos pode nos manter ou nós conseguimos seguir, pois hoje em dia várias profissões exigem um curso com certificado ou experiência.

Em nossa pesquisa pudemos perceber igualdades e diferenças em relação a essa hipótese inicial. As pessoas entrevistadas nos mostraram que nas nossas escolhas a família influencia bastante, alguns dos comércios que lá estão foram passados de pai para filho, mas outras profissões foram aprendidas através de cursos ou faculdades.

Os entrevistados também nos mostraram que tanto a necessidade (de dinheiro para sobreviver) quanto a vontade (gostar de seu trabalho) são coisas importantes para a escolha profissional, ainda que muitos destaquem a necessidade e a falta de um poder muito grande de escolha.

Muitas das pessoas entrevistadas mostraram que a partir de nossa profissão podemos sentir orgulho de nós mesmos, como se o lugar no mundo (que nós já temos) ganhasse destaque e reconhecimento (que todos nós queremos).

“Nossa comunidade hoje e sua história” – Filme



*Alan Alexandre dos Santos
Ailane de Oliveira Brito
Bruna Feitosa Ribeiro
Dalila Nery de Lima
David Henrique Ferreira
Edson Souza Eloy da Silva
Evellyn Alves Silva
Gleciene Pereira Montalvão
Jessica Santos Souza
Joice Lopes da Silva
Karla Daniella Costa Viana
Leandro de C. Barssote
Willian Braga da Cruz
Willian Faria Freire da Silva
Willian Marques da Silva
Lucas Soares Silva*

Cheio de vida e memórias pessoais, o passado do bairro Munhoz Jr. / Osasco e suas transformações foram o foco de reflexão deste grupo de pesquisadores. A produção de um vídeo, como estratégia de pesquisa, visou principalmente estimular a criatividade e o olhar crítico dos jovens da região. Durante o processo de criação e apropriação das técnicas da linguagem audiovisual os jovens tiveram um contato com experiências e estórias de moradores antigos, assim como tiveram um tempo para despertar o olhar e redescobrir detalhes da paisagem do local onde residem. Criando seu filme, sua história, sua verdade, os jovens passearam, de forma distinta, pelo mesmo cenário cotidiano cheio de expectativas, perspectivas, potencialidades e limites.

Fizeram entrevistas com os moradores, abordaram o passado do bairro, as mudanças no espaço físico, a história de vida dos atuais moradores que migraram para a região, o que pensam do presente e das principais mudanças urbanísticas. Assim, mapearam o passado do bairro e de seus moradores, como é hoje a região, suas reivindicações, mudanças e as probabilidades de sua realidade no futuro próximo.

Com constantes saídas a campo vivenciaram a rua, por vezes temida, aberta à pluralidade, onde tudo se move, onde tudo flui, onde opostos se cruzam, aguçando o hábito de abrir os olhos, pensar e conviver...

O filme começa com a gravação em uma pedra enorme que fica perto do espaço físico onde se realizavam os encontros, quando refletem sobre o local antes da presença massiva do homem. A segunda parte do filme conta como era o bairro antigamente. A terceira parte apresenta a vinda de grandes construções públicas ao bairro. E finalmente, na quarta parte do filme, apresentam-se as transformações que ele sofreu.

“Amor não correspondido”



*Éryca Albuquerque Souza
João Gabriel Pedro
Viviane Camille Silva
Rafaela Aparecida Maria*

Os pesquisadores tinham a seguinte inquietação: saber por que as pessoas sofrem tanto com um amor não correspondido, ao ponto de levá-las à depressão, ao suicídio e à morte. Para isso foram realizadas entrevistas com adolescentes e adultos da comunidade.

Os resultados mostraram que apenas uma entrevistada disse nunca ter sofrido por um amor não correspondido. A sensação despertada pela situação foi a tristeza por parte das mulheres, enquanto que para os homens as sensações foram de raiva e rejeição. As reações também diferem quanto ao gênero: os homens falaram que ficaram agressivos e as mulheres responderam que choraram muito. A superação, quando aconteceu, foi construída pelo estabelecimento de novos relacionamentos. O tempo de sofrimento indicado pelos entrevistados variou entre três meses e dois anos. A depressão foi mais comum entre as mulheres.

Puderam concluir que homens e mulheres reagem de forma diferente diante de um amor não correspondido. A superação é mais rápida nos homens, além das mulheres sofrerem de depressão com maior frequência. Independente do sexo, todos sofrem de tristeza. Concluíram que tanto os homens quanto as mulheres superam a situação distraíndo-se com novas relações.

“Benefícios do futebol”



*Daniel Leandro de Souza
Diogo Leandro de Souza
Erike dos Santos
Hermes Leandro de Souza
João Pedro Silva Lima
José Antônio Leandro de Souza
Rosana Santos Celestino*

A preocupação desta pesquisa era saber a opinião das pessoas sobre a importância e os benefícios do futebol, assim como o envolvimento de cada um com esse esporte. Isso porque entendem que o futebol tem um lugar importante na vida do brasileiro, além de ser considerado um dos caminhos de oportunidades para mudanças de vida.

A pesquisa contou um pouco da história do futebol: foi criado na Inglaterra no século XIX. Inicialmente era praticado por lazer e bem estar, mas atualmente muitos jovens praticam futebol pensando em se tornar jogadores profissionais interessados na fama e dinheiro que ele pode proporcionar. Outro aspecto interessante do futebol, segundo os pesquisadores: “O futebol favorece, também, aqueles que foram usuários de drogas para que possam esquecer o passado ruim e participar de campeonatos para que todos sigam um caminho melhor”. Ainda ressaltam que o futebol pode ser fonte de alegria para muitos torcedores, mas há situações de violência nos estádios o que causa

grande desgosto para os jogadores. A metodologia utilizada na pesquisa para coleta de dados foram entrevistas com pessoas relacionadas à prática do futebol.

A pesquisa concluiu que os entrevistados compreendem que o futebol não é apenas um esporte, mas traz vários outros benefícios aos praticantes, como saúde, divertimento, habilidades, além de ser uma possibilidade de profissionalização. Também apontou que as brigas entre torcidas nos estádios afastam seus apreciadores pelo medo causado. E finalmente, a pesquisa realizada possibilitou concluir que o futebol é um esporte que nunca acabará por fazer parte da cultura do povo brasileiro.

“O que as pessoas pensam sobre drogas na juventude”



*Caroline Rosa de Almeida
Diógenes de Souza Santos
Laís Cristina Barbosa Gonçalves
Orlan Luis de Jesus Rocha
Paola Nunes Pereira Silva
Samuel de Souza Santos*

O tema drogas foi escolhido por ser atual e gerador de alto índice de mortalidade. Outro aspecto relevante diz respeito à aproximação do tema com o cotidiano dos pesquisadores. Neste cenário, os pesquisadores objetivaram apurar o que pensam as pessoas sobre o uso das drogas pelos jovens e o que leva ao seu uso. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas com jovens e com adultos.

Os dados colhidos permitiram concluir que a maioria das pessoas tem consciência das causas e efeitos das drogas no meio social. Os fatos mostram que os jovens adquirem as drogas no início de suas vidas, porém a maioria dos usuários de drogas não consegue abandonar o uso e há os que sequer querem fazê-lo. A maioria dos jovens pensa que usar drogas é normal. A opinião dos adultos é diferente disso, visto que consideram o vício prejudicial a saúde e pensam que o uso de drogas compromete a

vida da pessoa. As entrevistas mostraram que tanto para jovens quanto para os adultos as pessoas aderem ao uso por meio de curiosidade, problemas familiares, influência dos amigos, mente fraca e varias outras coisas. Mas os jovens não consideram que este vício possa trazer muitas conseqüências negativas no futuro dos usuários.

A pesquisa demonstrou que as pessoas, independente de classe social tem ciência do impacto que as drogas causam. Também aponta para a preocupação com as formas de acesso e cuidado dos jovens envolvidos no comércio e consumo de entorpecentes, apesar de apontar uma diferença entre jovens e adultos quanto às conseqüências do uso na qualidade de vida dos envolvidos.

“Quem gera mais lixo em Osasco: ricos ou pobres?”



Ariane Campos

A escolha do tema e do objeto desta pesquisa decorreu de uma atividade desenvolvida em um dos encontros, no qual se refletia sobre as relações homem/natureza a partir de imagens fotográficas. Em uma delas um homem manéja um bote em meio a muito lixo que bóia e ocupa toda a superfície da água.

A força da imagem provocou a passagem do ambiente natural degradado à degradação do ambiente social e a discussão, então, voltou-se para a dicotomia pobre/rico e sua relação com a produção de lixo.

Era preciso, então, comparar o volume de lixo coletado com a distribuição dos ricos e dos pobres pelo território do município. A pesquisadora e o grupo que acompanhava o andamento das pesquisas não sabiam das dificuldades que iriam encontrar para responder a uma pergunta aparentemente tão simples.

Isto porque há uma percepção, como que de um senso comum, a respeito dos bairros pobres e bairros ricos da cidade. Exemplo disso foi o destaque que deram a uma

parte da pesquisa relativa ao bairro Jardim das Flores “*tido como um dos mais nobres bairros da cidade de Osasco*”. A pesquisadora pergunta: Será que o destaque dado ao bairro acima considera a quantidade de lixo gerado no mesmo? Ainda não sabia ela que talvez a pergunta adequada fosse: alguém considera a quantidade de lixo, segundo bairros?

Ao final, como conclusão, a pesquisadora reconhece que não foi possível responder à pergunta inicial. Após relatar a difícil e malfadada busca de informações junto ao poder público, constatou que a única informação existente, ou acessível a ela, contabiliza a quantidade de lixo baseada em outros critérios como, por exemplo, os itinerários de coleta.

Um insucesso? Pensamos que não. Para a pesquisadora o aprendizado de busca de informações, o que incluiu a tentativa de protocolar um ofício solicitando-as, e para o poder público um dado de grande valor: a precariedade das informações disponíveis e a dificuldade de acesso a elas pelos cidadãos, isto é, evidências “científicas” de um desafio que é de todos nós.

“Cosplay: arte ou hobby?”



*Gerson Andrade Santos Junior
Jaqueline Fernandes Santos*

Essa pesquisa objetivou reunir informações que, segundo os autores, justificariam considerar as atividades “cosplay” como manifestações artísticas e não apenas como um hobby. Argumentos sobre o investimento dos praticantes na construção dos personagens, assim como os investimentos na organização de eventos e concursos de “cosplay” foram apresentados com esse objetivo.

Os autores não encontraram nas entrevistas realizadas nada que os demovesse do ímpeto por militarem em prol da consideração do “cosplay” como arte. Não se

preocuparam em apresentar aos leitores um conceito ou uma discussão acerca do conceito de arte. Parece que eles deram maior importância à experiência de levar a um dos limites a noção da construção autônoma de sua identidade e o esforço para serem reconhecidos da forma como eles mesmos se vêem.

Como concluem a pesquisa?

“Para alguns, loucos. Para outros, artistas.”

“Bandas independentes de Osasco: opção ou falta de oportunidade?”



*Camila Fernandes da Silva
Gisele Teixeira Lopes
Gleice Souza Santos*

Preocupados e curiosos em mapear as “Bandas Independentes” e os motivos que as levam a receber o título de “independentes”, este grupo tentou mapear as bandas independentes existentes em Osasco e saber os motivos que as levam a serem independentes. Seria por opção? Seria por falta de oportunidade?

Ao considerarem que não existe ampla divulgação das produções artísticas independentes no município, tinham como hipótese de pesquisa que existiam muitas bandas talentosas que, dada a dificuldade de divulgar seus trabalhos, intitulavam-se como independentes por falta de opção.

Relatam que encontraram muita dificuldade para “mapear” as bandas independentes do município, o que consiste em um “achado” da pesquisa, que ampliaram seu conhecimento sobre o tema e que não puderam confirmar sua hipótese inicial.

“A história de Osasco: conhecer e sentir-se parte”



Jussimara dos Santos

Esta pesquisa parte de um referencial teórico que privilegia a potência da noção de pertencimento. Segundo a pesquisadora, podemos afirmar que a história de um povo é o fator determinante para que esse povo tenha uma identidade. O conhecimento dessa história contribui para que esse povo perceba-se integrante da mesma e, conseqüentemente, sinta-se parte dessa construção e origem. Não conhecer a própria história é, nessa perspectiva, ser um náufrago em uma ilha no meio do oceano, é como estar perdido.

A pesquisa surge com o intuito de trabalhar questões como história, identidade e pertencimento dentro da cidade de Osasco, tanto no âmbito pessoal como no sentimento das pessoas que serão pesquisadas, moradores dessa cidade. A pesquisadora reconhece a necessidade de mudança no próprio olhar negativo que possui em relação à cidade onde vive e, para isso, vai procurar descobrir o que a cidade de Osasco tem a oferecer, e o que pensam dela as pessoas que a conhecem.

Um questionário aplicado a 23 moradores busca estabelecer relações entre o conhecer, o pertencer e o gostar. Após a leitura dos dados coletados, o que fazer se muitos gostam, muitos pertencem e poucos conhecem? Que fazer das hipóteses e justificativas inicialmente levantadas? As respostas são dadas pela pesquisadora.

“Concluo que fazer a pesquisa sobre a história da cidade de Osasco, juntamente com a pesquisa de campo, me mostrou o quanto essa cidade tem a oferecer, tanto com a história no seu lado positivo ou negativo, até os dias de hoje. Hoje posso perceber que, a partir do momento que você conhece a história de uma cidade, você passa a se sentir parte dessa história de um modo positivo. Fazendo a pesquisa de campo, senti que a maioria das pessoas entrevistadas não conhece a história da cidade, mas gostam da mesma e sente-se parte, mesmo que não tenham nascido dentro da cidade.”

Podemos ver nessa conclusão todo o vigor do processo de pesquisa. A transformação do sujeito e do objeto da pesquisa. Um resultado obtido com os dados e para além deles. Uma verdade que não se confirma entre os entrevistados, mas que é válida para o sujeito pesquisador. Lógicas plurais desafiando as relações pré-determinadas entre os conceitos. A produção de um conhecimento que torna mais complexo aquilo que parecia óbvio. Atribuições de sentidos. Ora, a cidade ficou mais bonita, porque passei a conhecê-la, poderia ter dito a pesquisadora e talvez seja isso o que ela quis dizer.

“Metade da população, mãe da outra metade!”

Documentário



Documentário 10 minutos Mini DV – NTSC

Direção: Mônica Cardim

Roteiro: Bruno Pezavento, Elen Silva, Kamila Antonini, Daiane Monteiro, Mônica Cardim

Entrevistadores: Elen Silva, Bruno Pezavento, Kamila Antonini, Paulina da Silva, Mayara Faria, Daiane Monteiro

Edição: DGT Filmes, Bruno Pezavento, Daiane Monteiro, Elen Silva, Kamila Antonini

Fotografia: Gabrielle Batista, Mônica Cardim

Still: Mayara Faria, Mônica Cardim

Workshop de Direção e Fotografia: Toni Nogueira

Workshop de Projetos e Roteiro: Sérgio Gagliard

Projeto e Pesquisa: Os jovens Daiane Monteiro, Elen Silva, Kamila Antonini, Gabrielle Batista, Paulina da Silva, Elisângela Xavier, Bruno Pezavento

Edição de som: Tiago Pastoreli

No Brasil estima-se que mais de 2 milhões de mulheres são espancadas por ano e que apenas 40% denunciam a violência sofrida. São: 175 mil por mês; quase 6 mil por dia; 243 por hora; 1 a cada 15 segundos. A partir da análise dos dados de violência contra mulheres, os movimentos feministas se mobilizam, há pelo menos 18 anos, para reverter esta situação com campanhas, palestras e marchas. O desenho da presente pesquisa partiu de um levantamento bibliográfico para aprofundar os conhecimentos sobre o tema, a definição do problema a ser investigado+- a percepção dos profissionais que trabalham com mulheres vítimas de violência doméstica -, a elaboração de roteiro de questões, a realização da coleta dos dados - gravada em vídeo - e a análise das informações obtidas por meio das entrevistas, o que resultou na produção de um documentário de cerca de dez minutos.

A preparação da pesquisa, o processo de coleta de dados com as entrevistas e a análise, geraram a elaboração do documentário, constitui um processo extremamente enriquecedor para os participantes. Eles destacaram que os depoimentos dos profissionais possibilitaram uma nova compreensão da violência doméstica e que aprenderam a olhar os dois “lados” do assunto: o do agressor e o da vítima – o que leva uma pessoa a agredir outra; quais são os recursos para a vítima não ser mais prejudicada. Os direitos da mulher foram amplamente discutidos, como a Lei Maria da Penha, que defende a mulher vítima de diferentes tipos de agressão (física, psicológica, moral, patrimonial e sexual). Essa lei prevê até três anos de prisão (sem direito a pagamento de multa, cesta básica ou prestação de serviço comunitário) e ações de orientação para o agressor, além de medidas de proteção e apoio à mulher.

Mais que chamar a atenção dos jovens do Protejo a respeito dessa questão, os pesquisadores e produtores do documentário deixaram um legado a outros grupos de jovens, educadores, gestores e para a sociedade de modo geral, para que desperte seu interesse pelo assunto e participe cada vez mais das ações de amparo à mulher.

“No Baú de nossos pais”

(Essa pesquisa é discutida no capítulo “Pesquisa social e narrativas autobiográficas: a constituição de sujeitos”, desta publicação)



*Ana Paula Oliveira da Conceição
Bruna Leticia Ferreira Messias
Caique Pereira Pinho
Rafael Pereira Antonio
Renata Nascimento Rocha
Robner de Oliveira Santos
Vanderleide Silva Oliveira
Silmara Teodoro de Assis
Romário Aparecido silva Xavier*

Trata-se de um produto coletivo elaborado em conjunto com cada jovem, mãe, pai e padrasto que contribuiu com suas escritas, escutas, lembranças e memórias compartilhadas com os companheiros de grupo. O processo de reflexão desafiou e possibilitou a compreensão dos significados atribuídos ao trabalho nas histórias de vida e nas subjetividades de cada sujeito de pesquisa em um mesmo período histórico.

A pesquisa ajudou o grupo a perceber a existência de fatores sociais que atravessam os tempos e tecem elos entre o passado e o presente. Mudaram-se os cenários e as geografias, todavia, ainda persistem vestígios que condicionam e incidem nessa juventude, como a necessidade de estudar e trabalhar para se obter ocupações e profissões valorizadas socialmente (como médico, arquiteto, jogador de futebol etc.). “Como nossos pais, caminhamos rumo às melhores condições de vidas e oportunidades”, disseram os jovens.

“Futebol: paixão e profissão”



*Cesar Felipe de Oliveira
Cleiton de Jesus Iago Oliveira Cruz
Luiz Carlos Pires
Luiz Fernando Barbara Pereira
Rafael de Jesus Santos
Ronaldo Silva de Alencar
William Araujo Reis Sena*

A pesquisa aqui apresentada reuniu um grupo de jovens que desde o princípio do curso nutria uma paixão em comum pelo futebol. Embora fossem torcedores de diferentes times e essas diferenças gerassem brincadeiras entre eles, o assunto - ou a bola, concretamente, quando aparecia - virava o centro das atenções e discussões. Durante as conversas, identificaram que os jovens daquele grupo já tinham sonhado em ser um jogador profissional. De acordo com os pesquisadores, cada vez mais crianças e jovens de ambos os sexos se interessam por futebol pelo futuro garantido que ele promete e, por isso, partiram da hipótese que existe muita ilusão entre os jovens que se candidatam a carreira de jogador de futebol, assim como muita injustiça e desigualdade nas “peneiras” de formação das categorias de base nos clubes.

A trajetória da pesquisa partiu de um levantamento da história do surgimento do esporte, reflexões sobre os artigos e notícias sobre o tema e finalizou com a análise da pesquisa de opinião coletada por meio de um questionário aplicado na comunidade próxima ao Pestana/Padroeira. Este foi aplicado em 15 jovens entre 13 e 20 anos moradores da comunidade Pestana.

Em relação ao motivo porque jogavam futebol, a maioria dos entrevistados respondeu que jogavam futebol apenas por diversão; cinco porque é saudável, e apenas dois jovens pensavam em se profissionalizar. Perguntados sobre o quê faz o futebol ser o esporte preferido, quatro jovens preferiam o esporte por razões ligadas à performance (agilidade/ imprevisibilidade/ disputa/ jogo melhor); dois manifestaram preferência por se espelhar em ídolos deste esporte; três outros jovens preferiam por questões ligadas a

saúde e estética (melhora o equilíbrio/ mais saudável); dois jovens responderam ser a bola a causa da preferência; três jovens responderam não ser o seu esporte preferido e um jovem não respondeu a pergunta. Sobre o sonho de ser um profissional do futebol, a maioria dos entrevistados disseram que “sim”, pretendiam ser jogadores profissionais; quatro deles responderam “não, nunca sonhei ser”; e três jovens relataram que já tinham sonhado, mas mudaram de idéia. Em relação ao nível de conhecimento a respeito dos sistemas para ingressar na profissão, a maioria respondeu que desconhecia os caminhos, e parte dos que conheciam enfatizaram os testes, investimento em treinamentos em clubes e escolinhas de futebol.

Como conclusão, o grupo destacou que inicialmente tinha uma hipótese de que o principal motivo que levava uma pessoa a praticar o futebol era o objetivo de se profissionalizar, progredir na carreira e, conseqüentemente, ficar rico. No entanto, o processo de pesquisa esclareceu que o principal motivo que leva um jovem a praticar futebol é a busca por diversão e lazer. Os pesquisadores descobriram que não basta só jogar bem futebol para ingressar no futebol profissional, é preciso conquistar um espaço em clubes ou junto a pessoas que os influenciam e conhecem, ser persistente e disciplinado.

“Vida sexual e gravidez na adolescência”



*Bianca Gonçalves Tabai
Gleiton Ferreira Nobre
Jamile Santana de Jesus
Jéssica dos Santos Lino
Maiane de Souza Barros
Marleide da Silva
Patricia Macedo Gonçalves
Sâmila Xavier dos Santos
Thaís Helena Santiago Nascimento*

Identificar os conhecimentos dos jovens das comunidades do entorno dos bairros Pestana e Padroeira no que diz respeito a seus relacionamentos e vida sexual ativa na adolescência foi o objetivo principal desse estudo. Além disso, tinham interesse em investigar as informações que os jovens detinham sobre os cuidados e riscos que envolvem essas relações, dentre eles a gravidez precoce.

O desenho do estudo contou com a elaboração de dois instrumentos de pesquisa, um direcionado às mulheres que foram mães durante a adolescência e outro às adolescentes do sexo feminino.

O grupo de mães adolescentes entrevistadas enfatizou os sentimentos e reações que experienciaram ao saber que estavam grávidas tão jovens. Ao serem questionadas sobre os projetos de vida com a maternidade, a maioria das entrevistadas respondeu que antecipou o desejo de sere mãe. Os diversos significados do “ser mãe na adolescência” incluem uma percepção positiva que a maternidade pode proporcionar, como o papel da mulher na família e sua função social, seu lugar na sociedade e como é vista e reconhecida pelos outros. As respostas mostraram que a experiência da maternidade pareceu mais relacionada a conquistas do que a perdas, favoreceu o desenvolvimento das mulheres mais do que o limitou, resultado que ampliou a percepção que o grupo tinha sobre o assunto, abrindo novas perspectivas de significados atribuídos às jovens mães.

O segundo grupo de entrevistados foi composto por jovens do sexo feminino entre 13 e 17 anos que responderam questões sobre autocuidado com a saúde, sexualidade e prevenção.

Quase metade das jovens relatou ter vida sexual ativa e que os meios para obter informações sobre cuidados com a saúde são diversos, como a família, a escola e as amigas. O desejo de serem mães destacou-se como uma questão comum a ambos os grupos, assim como as opiniões quanto a mudanças nos projetos de vida com a antecipação da maternidade, como o temor de abandonar os estudos.

O tema de estudo revela o interesse que a sexualidade desperta e a pesquisa desafiou o entendimento de que a gravidez na adolescência esteja apenas associada à irresponsabilidade, descontrole, imaturidade, despreparo, comportamento do risco etc. Os resultados mostraram que as jovens mães não perceberam apenas perdas e valorizaram as conquista que a maternidade lhes proporcionou, revelando que os sonhos e projetos de vida que tinham foram positivamente transformados.

“Drogas”



*Bianca Nunes da Silva
Débora Xavier Alves da Silva
Gilmar Basílio Farias
Henrique dos Santos Barbosa
Mábili Alves da Silva
Rita de Cássia Santos da Conceição
Ingryd Brunelly.*

Os pesquisadores da turma 13 consideraram importante o tema drogas pelos danos que podem causar e por envolver toda a sociedade. Entender os motivos que levam ao uso de drogas e quais são os agentes ou situações que influenciam seu uso foram preocupações deste trabalho.

Foram aplicados questionários em moradores do bairro do Jardim Conceição que tivessem ou não algum envolvimento com a questão das drogas, de todas as faixas etárias.

Alguns resultados foram encontrados como: a maioria dos entrevistados entende que os amigos influenciam no uso de drogas. Quanto ao lugar da escola, grande parte das pessoas entende que ela não contribui para o uso. Em relação ao papel da família, a falta de estrutura e de atenção podem ser motivadores do uso abusivo de entorpecentes. Houve divergências entre os entrevistados quanto à influência do bairro no uso de drogas.

As possíveis alternativas para amenizar os problemas oriundos do uso abusivo giram, segundo os pesquisadores, em torno de ajuda do profissional de psicologia, força de vontade, ajuda divina, orientação familiar, acesso à educação.

“O mercado de trabalho para a pessoa negra”



*Andressa Mota Sabino
Eleandro Ferreira
Gleyssa Caroline Mota Sabino
Thalles Pereira Souza*

A inserção no mercado de trabalho é uma preocupação comum quando o sujeito entra na fase adulta. Ao criar um espaço onde pudessem pensar e dar sentido às suas escolhas e histórias de vida, o projeto, por meio da pesquisa, levou estes jovens a refletir e ampliar significações sobre esta inquietação. E assim, entraram em contato com alguns autores e pesquisas que discutiram o assunto trabalho.

O recorte escolhido para a pesquisa foi, então, o mercado de trabalho para a pessoa negra no bairro. Suas experiências e a reflexão favorecida por leituras trouxeram à tona perguntas como: por que os negros seguem excluídos 121 anos após a abolição? Será que têm menos oportunidades no mercado de trabalho se comparados aos brancos?

A partir da análise dos dados coletados puderam concluir que os negros têm mais oportunidades do que supunham inicialmente, mas ainda são uma minoria no mercado de trabalho. Um aspecto relevante apontado pelos pesquisadores refere-se ao que denominaram preconceito velado, situação na qual o sujeito negro se vê na necessidade de ser *“duas vezes melhor que o branco devido ao fato de ser negro; é preciso que mostre sempre o melhor, pois parece que já nasce em desvantagem”*. Outro aspecto destacado refere-se às falas carregadas de preconceito como, por exemplo, *“esta neguinha”*, termo considerado pejorativo para se referir a pessoas negras.

A partir deste trabalho os pesquisadores optaram em realizar um vídeo colagem sobre a pessoa negra, como uma ferramenta para reverter sua situação atual, possibilitando refletir sobre preconceito, desigualdades e exclusão social.

Roda Viva, o grande círculo vicioso

(Essa pesquisa é discutida no capítulo “Pesquisa social e narrativas autobiográficas: a constituição de sujeitos”, desta publicação)



*Adriano Reis
Aline de Sousa
Bruna Matias
Claudinei Tomaz
Cloves Santana
Denis da Silva
Edson Rafael
Fanny Rodrigues
Felipe Malaquias
Joice Domingues
Luana Lima
Luana Shirley dos Santos
Nathalia Augusto
Rafael Santos
Reginaldo Lira
Scarlet Oliveira
Julio Meneses
Johnny Santos
Robson Almeida.*

Por que a presença de um amontoado de lixo que crescia a cada dia haveria de gerar alguma inquietação? Os jovens do Santa Maria/Conceição perceberam que o lixo estava ocupando o lugar das pessoas que moram nesta região.

Todos os dias em que iam para o ‘curso’ passavam por uma das paisagens motivadoras da escolha do tema da pesquisa: uma esquina ocupada por todos os tipos de lixo. Ao perceberem que este lixo ocupava toda a região que deveria ser utilizada como

calçada - o que levava os pedestres a transitar pela via -, entenderam que o lixo gerava um problema de segurança.

Os temas lixo e lazer mobilizaram o grupo a conhecer e entender o que acontece na comunidade em que residem, com sua paisagem de terrenos baldios, campinhos, praças, posto de saúde e comércios. Em sua pesquisa, descrevem os pontos viciados de depósito de lixo e os equipamentos de lazer na região, com o objetivo de enriquecer a discussão sobre a relação entre excedentes e promoção da cultura e lazer.

Para tanto, utilizaram pesquisas bibliográficas, entrevistas com moradores e observações de campo. Das vinte entrevistas propostas, foram realizadas treze. Houve dificuldades em entrevistar os moradores; alguns não manifestaram interesse, outros alegaram medo de expor-se e comprometer-se. Os territórios que fizeram parte deste estudo são: Jardim Conceição, Santa Maria, Jardim Primeiro de Maio e Recanto das Rosas.

Os jovens iniciaram o processo de pesquisa baseados na hipótese de que as questões investigadas derivariam da cultura dos moradores, no que concerne a seus hábitos e o modo de vida, e das faltas de acesso à informação e de interesse em buscá-la.

A investigação de campo ampliou sua hipótese, ao revelar que a existência dos pontos viciados de lixo e a manutenção dos equipamentos de lazer podem estar associadas ao modo vida dos moradores, mas, também, ao de outros atores não residentes nessas regiões.

A pesquisa mostrou que a situação do território é fruto de um ciclo vicioso, composto pela falta de acesso à informação e pelas formas de apropriação do espaço. Por ciclo vicioso entende-se um fato que é alimentado pela rotina empregada no território, ou seja, moradores deixam entulhos, restos de lixo orgânico, moveis entre outros na esquinas, praças e terrenos baldios com a expectativa de retirada dos mesmos pelos órgãos da prefeitura. Esta por sua vez, realiza esta ação sem periodicidade definida e sem dispor informações de como a comunidade deve organizar seu excedente para retirada. O problema é agravado por pessoas de fora, que também dispensam seus excedentes nesses locais e que, por serem “forasteiros”, ampliam o descontrole do fluxo de lixo na região.

Além do abandono, foi observada a queima desses excedentes, o que gera outro problema ambiental no território.

Quando nos deparávamos com lixos em terrenos baldios e principalmente nas praças e lugares destinados ao lazer, ressaltam os pesquisadores, outro dado ficou evidente: como as pessoas lidam ou entendem os espaços vazios *“se não há construção, está vazio, se está vazio, pode se tornar um depósito de excedentes”*. Este foi o mais intrigante dos dados; praças e campinhos não são espaços vazios e sem utilidade, são os locais destinados à diversão da comunidade e principalmente, das crianças e adolescentes da região. O descuido deles por parte de todos os atores envolvidos no território poderia denotar a falta de interesse pela diversão, porém, todos os entrevistados afirmaram que este é um fator importante na vida das pessoas.

Outro aspecto relevante refere-se aos dados secundários que não foram encontrados nos sites oficiais, o que demonstrou a ausência de informações, de forma acessível ao munícipe, sobre o tema lixo.

Entende-se que a disponibilização clara de informações, formação e fiscalização por parte do poder público e da própria comunidade são fatores imprescindíveis para solução e quebra deste ciclo que compõe a apropriação do território, considerada negativa por desconsiderar conceitos de bem estar e qualidade de vida.

Esta investigação apontou para outras questões a serem pesquisadas, assim como alertou para a necessidade de questionar os fatos que ocorrem ao nosso redor. E pôde concluir que sem união, informações claras e precisas, entendimento do que sejam espaços públicos, direitos e deveres, não só as temáticas do lixo e lazer, mas outras também, não serão absorvidas. Conseqüentemente, a vida em comunidade continuará entre o ideal e o precário, entre apropriação que de fato existe e ao que deveriam ter para melhorar sua qualidade de vida.

Equipe executora PROTEJO de Osasco, SP



Prefeitura do Município de Osasco

Secretaria do Desenvolvimento, Trabalho e Inclusão

Secretaria: Dulce Helena Cazzuni

Programa Juventude: Marisa Campos

Vanda de Paula

Dayane Aparecida de Oliveira

Rua Virgínia Aurora Rodrigues, 350 – Osasco - São Paulo - CEP:

06097- 014 - Tel.: 3653-1196

Secretaria de Administração

Secretário: Paulo Roberto Fiorilo

Comandante da Guarda Civil Municipal de Osasco: Gilson Menezes

Av. Bussocaba, 300 –Osasco - CEP: 06023-901 - Tel.: 3652-9510



Centro de Estudos, Pesquisa e Documentação em Cidades e Municípios Saudáveis

Presidente: Márcia Faria Westphal

Juan Carlos Aneiros Fernandez

Daniele Pompei Sacardo

Elisabete Agrela de Andrade

Odiméia Victor de Oliveira

Regina Mara Ramo Aneiros Fernandez

Av. Dr. Arnaldo, 715 - CEP: 01246-904 São Paulo, São Paulo - Fone/fax:

011- 3085-4760